

Como num espelho: um estudo sociológico de alguns poemas de Manuel Bandeira

As In a Mirror: a Sociological Analysis of Selected Poems by Manuel Bandeira

João de Deus Souza de Barros
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)
São Bernardo do Maranhão | MA | BR
jds.barros@ufma.br
<https://orcid.org/0009-0007-3637-6084>

Resumo: O presente artigo pretende responder a seguinte situação-problema: como o poeta Manuel Bandeira alia a temática social à linguagem aparentemente simples de seus poemas, sem perda relativa da mensagem pretendida? Os poemas para o estudo foram retirados da obra *Estrela da vida inteira* (1993), livro que comporta toda a obra poética de Bandeira. Para uma análise sociológica da poética bandeiriana, tomamos como base o estudo *A literatura e a vida social*, do crítico Antonio Candido, que está presente na obra *Literatura e sociedade* (2000). Sabe-se que a poesia, em determinado momento do movimento fundado na Semana de Arte Moderna, de 1922, percorreu um viés social e que alguns poetas enveredaram sobremaneira por esse tema, na tentativa de trazer a lume problemas que se escondem sob as páginas literárias, por serem considerados a-estéticos e não funcionarem tão bem dentro de uma estilística que se pretende artística e, por isso mesmo, atraente, dentro de um contexto em que fascinar o leitor por meio do belo é a primeira opção quase cem por cento das vezes. Assim, a pesquisa aborda essa temática dentro da poesia do poeta fundador-precursor e seu entrelaçamento com o pensamento de outros, poetas e críticos, que fizeram o mesmo caminho. Além disso, ou por causa disso, responder às questões suscitadas no ensaio de Cândido, como a arte influencia o meio social e, por sua vez, como o meio social influencia a arte.

Palavras-chave: Manuel Bandeira; Antonio Candido; literatura brasileira; poesia social; modernismo brasileiro.



Abstract: This article seeks to address the following research question: how does the poet Manuel Bandeira combine social themes with the apparently simple language of his poems without a relative loss of the intended message? The poems selected for this study were taken from *Estrela da Vida Inteira* (1993), a volume that brings together Manuel Bandeira's complete poetic works. For a sociological analysis of Bandeira's poetics, this study is based on *A literatura e a vida social*, by the critic Antônio Candido, included in the work *Literatura e Sociedade* (2000). It is known that, at a certain moment of the movement founded during the Week of Modern Art of 1922, poetry followed a social trajectory, and some poets became deeply engaged with this theme in an attempt to bring to light problems that remain hidden within literary pages, as they are considered non-aesthetic and do not function effectively within a stylistic framework intended to be artistic and, therefore, appealing – especially in a context in which captivating the reader through beauty is almost always the primary objective. Thus, this research examines this theme within the poetry of this founding and precursor poet, as well as its interweaving with the thought of other poets and critics who followed a similar path. Moreover, it seeks to respond to questions raised in Candido's essay, such as how art influences the social environment and, in turn, how the social environment influences art.

Keywords: Manuel Bandeira; Antônio Candido; Brazilian Literature; Social Poetry; Brazilian Modernism.

1 Introdução

Manuel Bandeira nasceu no Recife – PE, em 1886, e faleceu no Rio de Janeiro – RJ, em 1968. Embora não participando ativamente da Semana de Arte Moderna, de 1922, é considerado o “São João Batista” do movimento modernista, isso porque sua poesia já prenunciava o Modernismo antes mesmo de o Modernismo chegar ao Brasil, pois as marcas do movimento já se apresentavam em alguns aspectos da obra do poeta. Foi autor de prosa e poesia, com temáticas variadas, inclusive a que aqui pretendemos estudar: a de cunho social. O presente artigo busca compreender as relações da poesia de Bandeira com o contexto social de sua época e como os estudos sociais podem ser colocados em prática na compreensão dessa obra, na esteira do que Antonio Candido esclarece no ensaio *A literatura e a vida social*, incluído em sua obra *Literatura e sociedade* (2000).

Para tanto, partimos da situação-problema: como o poeta Manuel Bandeira alia a temática social à linguagem aparentemente simples de seus poemas, sem que haja perda da mensagem pretendida? E, como hipótese, que: o aparente simplismo dos poemas com essa temática é proposital, pois visa conduzir o leitor para a vivência ali representada. Dessa forma, pensamos poder abarcar o teor amplo do que se possa entender a respeito do social em Manuel Bandeira, por meio desse estudo sistemático, que busca em toda sua obra, sendo o corpus principal o livro *Estrela da vida inteira* (1993), poemas referentes ao tema.

Como objetivos, para alcançar os resultados desejados, temos os seguintes: geral: demonstrar, por meio de marcas deixadas na poesia de Manuel Bandeira, sua filiação à poesia de cunho social e como, mesmo numa linguagem (aparentemente) simples, ele consegue transmitir a ideia desejada; os específicos: 1. Analisar poemas com temática social na obra do poeta, em busca de traços que o coloquem como um poeta social, na medida em que a poesia possa, assim, ser considerada; 2. Relacionar a poesia social de Manuel Bandeira à teoria defendida por Antonio Candido no texto *A literatura e a vida social*; 3. Compreender o contexto e as motivações do poeta dentro dessa temática.

Em um primeiro momento, tratamos do que Antonio Candido considera como ideal para o estudo social de uma obra; mesmo que ele diga que não pretende propor uma teoria sociológica da arte e da literatura, ele assinala alguns caminhos que a sociologia pode seguir para chegar a um estudo ideal, propõe duas questões acerca do papel social da obra e de como uma interfere sobre a outra, questões essas que procuramos responder, com base na poética bandeiriana e no que outros estudiosos da obra do poeta pernambucano falam sobre o tema em análise.

Seguindo, em dois tópicos, trataremos das questões que o crítico propõe. Primeiro: como a obra de arte influencia o meio social e suas implicações. Buscamos na obra de Bandeira poemas que causaram uma mudança na sociedade, embora pequena; ou que, pelo menos, envolveram uma realidade ampla e imediata, facilmente identificável por uma maioria. Depois, como a sociedade influencia a obra de arte, ou seja, no nosso caso, poemas de Bandeira que são inspirados pela realidade, por fatos que o poeta percebeu e viu como sendo de importância para o público e para o contexto vivido naquele momento.

Os próximos tópicos tratarão da metodologia utilizada na pesquisa, os caminhos que percorremos para realizar o trabalho. Depois, os resultados que encontramos, como se configura essa poesia, dentro desse limite que infere o real do indivíduo e o real da sociedade, sendo que os dois se tocam, mas nem sempre se conectam de fato. Na discussão, mostraremos que as possibilidades de um conhecimento acerca dessa poesia voltada ao social, faz com que tenhamos contato também com o nosso próprio meio, o que nos cerca, as certezas e incertezas da vida, as mazelas que nem sempre vemos por estarem muito perto de nós, causando a ilusão de serem algo natural.

Por fim, as considerações finais, trazendo a importância para o entendimento do poeta em questão, seu fazer poético, seu modo de ver o meio social e a implicação de sua poesia relacionada a essa temática. Nossa compreensão desses pormenores e as possíveis consequências de uma nova visão sobre o tema e a obra, sobre o meio social e a forma como o enxergamos.

2 *Literatura e sociedade*: implicações de um estudo crítico

Antonio Candido, no famoso ensaio *A literatura e a vida social*, assinala pontos de interesse e as limitações de um estudo social das artes, incluindo, e, por que não, enfatizando a literatura. As limitações, segundo o crítico, se dão pelo fato de que “sociólogos e psicólogos, julgam poder explicar apenas com os recursos das suas disciplinas a totalidade do fenômeno artístico” (Cândido, 2000, p. 27). Dessa forma, esses estudos resultam simplistas e incoerentes, na maioria das vezes.

Mais adiante, para socorrê-lo com relação à perspectiva que lhe parece mais adequada quanto ao estudo social das artes, ele cita Sainte-Beuve; citação que transcrevemos:

O poeta não é uma resultante, nem mesmo um simples foco refletor; possui o seu próprio espelho, a sua mônada individual e única. Tem o seu núcleo e o seu órgão, através do qual tudo o que passa se transforma, porque ele combina e cria ao devolver à realidade (Cândido *apud* Sainte-Beuve, 2000, p. 28).

Para o autor citado, o poeta foge ao padrão do artista que apenas reflete à realidade, compreendendo que a poesia transforma aquilo que toca, por meio de combinações inesperadas.

Segundo Cândido, a sociologia é “apenas” (e aqui cabe um parêntese, pois não é que uma disciplina seja menos importante do que a outra, tão-somente têm focos diferentes) disciplina auxiliar e “não pretende explicar o fenômeno artístico, mas apenas esclarecer alguns dos seus aspectos” (Cândido, 2000, p. 28). E, ainda segundo o crítico, para alguns fatos da arte, a análise sociológica se mostra ineficaz; para outros, até útil; e, para um terceiro grupo, seria indispensável. Devido a isso, ele faz a seguinte pergunta: “qual a influência exercida pelo meio social sobre a obra de arte?”, e, complementando: “qual a influência exercida pela obra de arte sobre o meio social?” São perguntas que, se não atentarmos para suas nuances, se parecem; contudo, no fundo, são completamente díspares. Manuel Bandeira aparece nos dois contextos, como veremos adiante.

Cândido vai formulando respostas e excluindo as que não convêm:

Há neste sentido duas respostas tradicionais, ainda fecundas conforme o caso, que devem, todavia, ser afastadas numa investigação como esta. A primeira consiste em estudar em que medida a arte é expressão da sociedade; a segunda, em que medida é social, isto é, interessada nos problemas sociais (Cândido, 2000, p. 29).

Em seguida, “dizer que ela exprime a sociedade constitui hoje verdadeiro truísmo; mas houve tempo em que foi novidade e representou algo historicamente considerável” (Cândido, 2000, p. 29). O que coaduna com o que já pensávamos a respeito da poesia na atualidade, como uma arte que, embora significativa em determinados contextos, não têm o poder que outrora teve, de modificar, por meio da palavra e importância do poeta, o entorno. Houve épocas, no entanto, que tal evento poderia ocorrer e de fato ocorria, em alguns âmbitos sociais.

Outra tendência questionada pelo crítico “é de analisar o conteúdo social das obras, geralmente com bases em motivos de ordem moral ou política, redundando praticamente em afirmar ou deixar implícito que arte deve ter um conteúdo deste tipo, e que esta é a medida do seu valor” (Cândido, 2000, p. 30). O que coloca a arte dentro de um molde, onde

nada cabe além do que foi predeterminado. Uma postura que foge ao princípio de qualquer arte; na literatura, então, que prima pela liberdade acima de qualquer coisa, seria como a morte de um ideal.

Para o sociólogo moderno, ambas as tendências tiveram a virtude de mostrar que a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. Isto decorre da própria natureza da obra e independe do grau de consciência que possam ter a respeito os artistas e os receptores de arte (Cândido, 2000, p. 30).

A sociologia moderna contempla, sobretudo, as influências socioculturais e os fatores que tangem à arte e a literatura; relações, no dizer do crítico, que se ligam à estrutura social, aos valores e ideologias e às técnicas de comunicação. A forma como esses fatores influenciam a arte, varia de acordo com o que se processa dentro do fazer artístico. “Eles marcam os quatro momentos da produção, pois: a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões da sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio” (Cândido, 2000, p. 30).

O artista é um produtor que, de alguma forma, faz uma apresentação daquilo que vê. Mesmo quando nada do que foi criado se pareça com a realidade, a realidade do artista e do momento foi representada, pois, só é possível ao artista apresentar e representar o que a sociedade mostra, mesmo que camuflado sob camadas e disfarces. Os fatores socioculturais interferem de forma natural, pois é a realidade do autor e do receptor, no caso da literatura, leitor; que não pode, e de fato nunca é, negligenciada, mesmo que algumas vezes pareça que isso ocorreu.

Sob essa perspectiva, Cândido passa a fazer ponderações acerca dos agentes envolvidos no processo de escrita e/ou feitura de qualquer arte, ou seja, o artista, a obra e o público; e como tais agentes são visualizados de acordo com um estudo sociológico. Como as ciências sociais devem tratar cada um, para que o estudo tenha o vigor e o interesse desejado. Nesse sentido, é possível compreender os entremeios que uma disciplina utiliza para fazer transparecer na outra o que poderia deixar de ser visto, no caso de um leigo ou de um estudioso menos atento.

No que trata do criador, o crítico comenta acerca do fato de, muito antes do que é visualizado hoje, o artista como um ser individual, a arte era mais coletiva, pois não era possível identificar um artista uno, com um nome assinado sob a obra exposta. Sobre esse respeito, ele assinala: “O que chamamos arte coletiva é a arte criada pelo indivíduo a tal ponto identificado às aspirações e valores do seu tempo, que parece dissolver-se nele, sobretudo levando em conta que, nestes casos, perde-se quase sempre a identidade do criador-protótipo” (Cândido, 2000, p. 35).

Atualmente, segundo Cândido (2000), “a obra exige necessariamente a presença do artista criador”, pois é esse artista que dá o sentido completo à obra, junto aos outros agentes do processo. O que leva à retomada do problema, que é a função do artista, sua posição social e os limites da sua autonomia criadora (Cândido, 2000, p. 33). Tudo isso depende de fatores relacionados à obra, ao público receptor e ao ambiente. O artista, de forma individual, transmite a ideia coletiva, mesmo que de maneira não intencional. O público se vê na obra, o que faz com que, mesmo depois de algum tempo, ela continue inspirando pessoas que sequer foram da época do artista criador.

Outro aspecto discutido é a configuração da obra. “A obra depende estritamente do artista e das condições sociais que determinam a sua posição” (Cândido, 2000, p. 40). Como já dito antes, e não poderia ser diferente, pois é o artista que determina o sentido da obra, por mais que ele pense em agradar ao público e se fazer entender segundo o ambiente no qual está inserido, o resultado da obra ainda corre por sua conta, no sentido de que o que será exposto advém do que ele pensou e decidiu colocar em prática.

O público é o último “ato” do ensaio e nele se condensam todas as implicações acerca da arte e da literatura e do envolvimento das duas com as ciências sociais e o estudo sistemático que as compreende. O crítico considera, talvez acertadamente, que o público pode moldar as intenções do artista e como este decide produzir sua arte. Comenta casos de artistas que deixaram de fazer arte de tal modo, devido a não aceitação do público; e de outros que insistiram com determinada obra, a contragosto, somente pelo fato de ter sua arte aceita e consumida em grande escala.

Ainda, que o público, embora de forma involuntária, é como uma massa que está conformada de acordo com padrões estabelecidos pela sociedade:

[...] isto é, que mesmo quando pensamos ser nós mesmos, somos público, pertencemos a uma massa cujas reações obedecem a condicionantes do momento e do meio [...] Como tendemos a introjetar as normas sociais, a nossa reação é perfeitamente sincera e nos dá satisfação equivalente à das descobertas, tanto positivas quanto negativas (Cândido, 2000, p. 46).

Um estudo da arte, sobretudo da literatura, sopesando seus aspectos sociais, precisa levar em consideração todos esses feitos, para não incorrer no erro de se parecer apenas um tratado de certo ou errado, de feio ou bonito, adequado ou inadequado, e contemplar no seu âmbito o que de fato a arte é: “um sistema simbólico de comunicação inter-humana, (que) pressupõe o jogo permanente entre os três, que formam uma tríade indissolúvel” (Cândido, 2000, p. 47).

[Pois, o] público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador. Os artistas incompreendidos, ou desconhecidos em seu tempo, passam realmente a viver quando a posteridade define afinal o seu valor. Deste modo, o público é fator de ligação entre o autor e a sua própria obra (Cândido, 2000, p. 47).

Para a compreensão de um poeta que, embora simples na aparência, seja denso no modelo artístico, é preciso aderir ao que Cândido formula, quando diz “que o estudo sociológico da arte, aflorado aqui sobretudo através da literatura, se não explica a essência do fenômeno artístico, ajuda a compreender a formação e o destino das obras; e, neste sentido, a própria criação” (Cândido, 2000, p. 48).

Manuel Bandeira, como poeta modelo de uma geração e de um movimento, representa o que há de mais incomum dentro de nossas letras, porque não é apenas um adepto desse movimento, e sim um criador, que nunca se contentou em seguir os padrões, embora erigidos sob suposto sistema de liberdade completa, e seguiu ele mesmo o seu caminho, criando e recriando a arte da poesia. Vamos à obra do poeta, para tentar compreender o seu apelo social.

3 Manuel Bandeira: um poeta ligado à realidade que o cerca

3.1 Bandeira: a poesia e o meio social

Manuel Bandeira, “com um poema publicado num jornal conseguiu que o prefeito Mendes de Moraes¹ mandasse calçar o pátio para onde dão as janelas do seu apartamento” (Bandeira, 2001). Essa citação faz parte de um flash autobiográfico do poeta, e, de certa forma, mostra o que se pretende com este artigo, o legado social da poesia desse autor que, tão festejado, coloca em ênfase, quase sempre, o que se pode chamar de lirismo moderno, que não se relaciona de forma clara com o lirismo no contexto aristotélico, digamos assim.

Mas, pensando a poesia como um “problema” histórico, compreendemos que quando da escrita de tal poema e por tal autor, havia um contexto bem mais favorável para que algo acontecesse, da forma que aconteceu. Hoje, a poesia, na sua forma escrita, não tem alcance para tanto, no máximo no âmbito sentimental de alguns corações romantizados. Não que a poesia tenha mudado tanto, a sociedade é que sofreu alterações profundas e já não segue os mesmos padrões, estéticos e artísticos. Esse fenômeno foi citado por Cândido, trecho que transcrevemos novamente, como forma de esclarecimento: “Dizer que ela (a arte) exprime a sociedade constitui hoje verdadeiro truísmo; mas houve tempo em que foi novidade e representou algo historicamente considerável” (Cândido, 2000, p. 28).

O que ocorreu com relação ao poema que fez com o prefeito Mendes de Moraes calçasse o pátio em frente ao quarto de Bandeira, também tem sua aparição contextualizada no ensaio de Cândido (2000, p.28): “qual a influência exercida pela obra de arte sobre o meio?”. E responde, de certa forma, a pergunta. Pois é, claramente, um exemplo de como a arte, no caso a poesia, influencia o meio. Certo que o contexto e a importância do poeta, à época, favoreceram que a atitude fosse tomada. O que não diminui a importância do fato ou anula que a obra pode exercer, sim, influência sobre o meio social.

O que se pode constatar em vários estudos acerca do poeta e de sua obra: “Os poemas de Manuel Bandeira exercem sim uma enorme influência sobre a sociedade, pois a leitura nos leva ao questionamento e conseqüentemente ampliar nosso horizonte frente a um determinado tema, que nesse caso seria o tema proposto” (Jesus *et al.*, p. 14, 2016). E, ainda, o que a sociedade pode compreender de si mesma e causar a mudança desejada conforme essa nova perspectiva, como ocorreu com o poema direcionado ao prefeito Mendes de Moraes.

Outro poema que trata de uma realidade concreta, quando Bandeira pensava os problemas sociais do Brasil, é “Elegia de agosto”, do livro *Mafuá do malungo* (1948), que é direcionado ou pelo menos relacionado ao presidente Jânio Quadros, que renunciou sete meses depois de tomar posse. “A nação elegeu-o seu presidente/ Certa de que ele jamais a decepcionaria./ De fato,/ Durante sete meses,/ O eleito governou com honestidade,/ Com desvelo,/ Com bravura./ Mas um dia,/ De repente,/ Lhe deu a louca/ E ele renunciou.” E segue, numa tentativa obscura, mas consciente de mostrar que o presidente poderia ter tomado outra decisão e não sacrificar aqueles que depositaram nele sua confiança, ao renunciar “sem ouvir ninguém”, sacrificou o seu país e os amigos, pois sabemos no que tais fatos culminaram algum tempo depois, sendo que essa instabilidade política foi uma espécie de estopim para a Ditadura Militar e as atrocidades cometidas naquele período.

¹ Prefeito do então Distrito Federal (Rio de Janeiro) de 1947 a 1951.

Contanto o poema não tenha exercido qualquer mudança na estrutura política e social do país, demonstra que a poesia faz parte de um contexto social e que não fica alienada em seu castelo intelectual e improdutivo, pelo menos não sempre. E o poeta mostra que seu arsenal conjuga fatores diversos, não apenas o social ligado ao pessoal, no seu próprio caso, mas ao contexto amplo de uma nação, de um povo que, como ele, era vítima naquele momento da história.

No período em questão, décadas de 1920, 30 e 40, quando o Modernismo surgiu e se consolidou, a literatura, i.e., ficcionistas e poetas passaram a conformar seus anseios aos das pessoas, leitoras ou não: “De um modo sumário, pode-se dizer que o problema do engajamento, qualquer que fosse o valor tomado como absoluto pelo intelectual participante, foi a tônica dos romancistas que chegaram à idade adulta entre 30 e 40” (Bosi, 2021, p. 416). Embora o crítico trate de romancistas no trecho, poetas como Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, entre outros, também tomaram para si o propósito de fazer da arte, luta; e não apenas uma luta individual, mas coletiva.

É nesse viés que a poesia se mostra como sendo influência para a sociedade, quando se liga ao público, em busca da solução, ou pelos menos, fazendo a denúncia de um problema comum. Ela sai do seu âmbito puramente artístico e vai para o meio popular, engajada à causa, em busca de solução e melhorias. “Quando se fala em cultura popular, acentua-se a necessidade de pôr a cultura a serviço do povo, isto é, dos interesses efetivos do país” (Gullar, 1981, p. 83). Aqui, entendemos que a poesia pode e deve ser parte dessa cultura popular e exercer, também, seu papel de denúncia e transformação social quando possível.

Tratam as décadas de 1930 e 1940 como as que mais produziram poesia engajada, mas Bandeira já fazia isso desde antes, mesmo que não tão acentuadamente. No poema “Meninos carvoeiros”, poema incluído no *O Ritmo Dissoluto*, de 1924, já estava presente sua visão contestadora dos problemas e mazelas do país: “Os meninos carvoeiros/ Passam a caminho da cidade./ — Eh, carvoeiros!/ E vão tocando os animais com um relho enorme” (Bandeira, 2001, p. 57). Poesia que trata de uma grave situação, que parece crônica no país, da pobreza que leva, consequentemente, ao trabalho infantil e suas ignomínias.

Por mais que o poeta queira ir “*embora pra Pasárgada*”, para lá usufruir de todas as benesses de um lugar encantado e sem problemas de qualquer ordem, ele vive no mundo real, envolto por questões que o afligem e a todo um povo, que é seu e que é ele próprio, sendo que ele é parte dessa gente, assim como “Irene preta/ Irene boa/ Irene sempre de bom humor” (Bandeira, 2001, p. 84) e todas as personagens que vão desfilando ao longo da obra do poeta; personagens reais, da sua convivência; personagens históricas e outras criadas para dar significação ao que ele pretendia com determinado poema, num tempo que era propício para amplificar questões relativas ao bem da comunidade/sociedade em que vivia.

No entanto, a expectativa da vontade consciente de produção da poesia social, e da existência de um programa determinado no caminho de sua produção, diminuem as possibilidades de observação de quantas vezes, na obra do poeta, o olhar lírico por sobre o cotidiano flagrou os elementos do social, os quais, contudo, estão fortemente presentes em muitos de seus poemas (Granja, 2000, p. 79).

Em detrimento do que dissera no *Itinerário de Pasárgada*, que possuía apenas “um desejo de participação social” (Bandeira, 2012), o que se verifica em toda a obra do poeta pernambucano é uma torrente de poemas que se relacionam ao viés poético-social, mesmo que

não seja uma constante, apenas um vislumbre aqui e ali, mas que no contexto geral, numa obra ampla e profunda se torna fundamental.

Todo esse esboço serve para mostrar que Bandeira enveredou por uma poética social com duas vertentes: em alguns momentos, a arte atuava como uma tentativa de transformar o meio social; em outros, era o próprio meio social que servia de modelo para o seu fazer artístico. O meio social servindo de molde ou apresentando ferramentas para que a poesia fosse produzida, fosse por meio de personagens que carregavam em seus ombros a realidade fria de uma sociedade impiedosa ou como outros agentes, serviam de apelo básico que os indivíduos tivessem uma oportunidade de aparecer também como seres reais e não fictícios, meras sombras invisíveis e pobres. Esse viés será abordado no próximo tópico.

3.2 Bandeira: o meio social e a poesia

Em poemas como “O bicho”, “Meninos carvoeiros”, “Poema tirado de uma notícia de jornal” e “Tragédia brasileira”, vê-se uma faceta de Bandeira em que o meio social produz as cenas e o poeta as reproduz, como um espelho que capta toda e qualquer imagem, de uma forma que, por meio de um lirismo melancólico, torna ainda mais real a dor do personagem. Uma dor que se alastra pelo papel e chega até o leitor, cúmplice de um crime que ninguém sabe quem cometeu, mas que todos pensam que sabem. Em todos esses poemas, o ser humano aparece animalizado, sem consciência de si e do outro, o diferente, que retrata ele mesmo. “O bicho” é qualquer um que não tenha o poder sob suas mãos e o controle sobre sua vida, de ser racional.

O bicho de Manuel Bandeira, que não era um gato, um cão ou um rato e que, ainda entre nós, anda por aí à busca de alimentos em meio aos detritos, é tema de um poema de observação social tão nítida que dispensa comentários e se atualiza em nosso próprio cotidiano. É mais um exemplo de um instante flagrado pelo olhar perscrutador do eu-lírico, também no âmbito do social (Granja, 2000, p. 80).

É um exemplo perfeito do que Antonio Candido fala quando se refere ao meio social influenciando a obra. O meio social é o ser humano e sua degradação, é o ambiente em que esse mesmo ser humano está, frequenta, existe. Ele não é um rato, um gato, um cão, mas frequenta os lugares que esses animais frequentam, vive em condições parecidas, com fome, sede e todo tipo de privações. Fome e sede de humanidade, com a “civilização” ao seu lado, sem conseguir penetrar esse ambiente sofisticado, que deveria ser comum a todas as pessoas. O poeta vê, compreende, transcreve e o mundo continua a girar como antes. A sociedade inspira a obra, mas esta não inspira o meio social, não o modifica. Eis o poema, para que possam observar suas nuances:

O Bicho

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, Meu Deus, era um homem.
(Bandeira, 1993, p. 230)

Há outros estudos que fazem uma análise sistemática desse poema, encontram em sua forma todo um emaranhado de configurações e simbologias, nas quais não nos detemos neste. O que se sobressai, aqui, é a contextualização e o que ele representa dentro da temática abordada por nós, relacionado ao que Antonio Candido considera como ideal dentro de um estudo social da literatura. A cena, sem considerarmos questões formais, é explícita como a vida. A realidade se apresenta aí, de cara limpa e escancara o problema da fome, das diferenças sociais e afins. O que faz com que o homem, antes racional, seja comparado a um animal irracional, que perdeu completamente a humanidade e a civilidade que lhe é peculiar.

Outro poema que esbanja dentro da obra de Bandeira essa conexão com a realidade e as mazelas sociais é “Meninos carvoeiros”. Esse poema mostra como a humanidade falhou em muitos de seus princípios. “Só mesmo estas crianças raquíticas/ Vão bem com estes burrinhos descadeirados./ A madrugada ingênua parece feita para eles.../ Pequenina, ingênua miséria!/ Adoráveis carvoeirinhos que trabalhais como se brincásseis!” (Bandeira, 2001, 57). O poeta acentua, por meio de um lirismo melancólico, como a infância se perde em meio à “ingênua miséria”, e o trabalho pesado se disfarça de brincadeira, enquanto destrói aquelas vidas.

Meninos Carvoeiros” parece ser um poema sobre a “pequenina, ingênua miséria”, explicitada pelo verso quatorze. Mistura a observação social da pobreza, o desamparo dos carvoeirinhos que apregoam seu produto dentro da madrugada, dia à fora, montados raquíticos nos burros magrinhos e velhos, burrinhos descadeirados (Granja, 2000, p. 81).

Como citado antes, outros dois poemas que fazem parte desse modelo específico de poesia, na obra de Bandeira são “Poema tirado de uma notícia de jornal” e “Tragédia brasileira”, porque configuram a poesia que capta na realidade o motivo para sua escrita. É o retrato de um ponto da realidade, que nem sempre aparece para todos. Na poesia ela ganha outra dimensão, embora continue trágica no seu sentido mais latente.

Poema tirado de uma notícia de jornal
João Gostoso era carregador de feira livre e morava no morro da Babilônia
[num barracão sem número
Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro
Bebeu
Cantou
Dançou
Depois se atirou na lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.
(Bandeira, 2001, p. 79)

Um acontecimento trágico, mas trivial, comum, que pode estampar uma pequena parte de uma página de jornal. O que faz com que o poeta se apresente como um grande entendedor da arte que produz e por isso consegue os efeitos que consegue, por meio de uma

complexidade disfarçada de simplismo. Uma notícia de jornal, das mais comuns se transforma num poema didático sobre a decadência e a dificuldade do ser humano em agir com racionalidade em certos momentos.

[...] os recursos da notícia, e do estranhamento desses recursos na linguagem do poema, o poeta chama a atenção do leitor para a vida que está sendo narrada, com a criação de uma empatia humana, que se desenvolve tão bem com a expressão emotiva do brasileiro cordial (Silva, 2017, p. 118).

O poeta faz uso dos recursos mais simples, para trazer ao leitor a ideia de que aquela vida se parece com a vida de muitos, causando empatia e sentimento de comiseração. O leitor é, agora, um par daquele pobre “João”, um como ele no mundo, refém de uma realidade social que, por vezes, oprime os menos favorecidos. Como nos diz o crítico:

[...] De algum modo, o poema busca assim a adesão do leitor, ferindo sua sensibilidade e imaginação, tentando agravar-se em sua memória. Na verdade, busca incorporar-se na própria experiência do leitor, pedindo uma resposta compreensiva, como algo que agora lhe pertence (Arrigucci Jr., 1990, p. 90).

Por último, dentro desse contexto assinalado, “Tragédia brasileira”. O título do poema é um atestado do que se pretende postular.

Misael, funcionário da Fazenda, com 63 anos de idade,
Conheceu Maria Elvira na Lapa – prostituída, com sífilis, dermite nos dedos, uma aliança empenhada e os dentes em petição de miséria.
Misael tirou Maria Elvira da vida, instalou-a num sobrado no Estácio, pagou médico, dentista, manicura... Dava tudo quanto ela queria.
Quando Maria Elvira se apanhou de boca bonita, arranhou logo um namorado.
Misael não queria escândalo. Podia dar uma surra, um tiro, uma facada.
Não fez nada disso: mudou de casa.
Viveram três anos assim.
Toda vez que Maria Elvira arranjava namorado, Misael mudava de casa.
Os amantes moraram no Estácio, Rocha, Catete, Rua General Pedra, Olaria, Ramos, Bonsucesso, Vila Isabel, Rua Marquês de Sapucaí, Niterói, Encantado, Rua Clapp, outra vez no Estácio, Todos os Santos, Catumbi, Lavradio, Boca do Mato, Inválidos...
Por fim na Rua da Constituição, onde Misael, privado de sentidos e de inteligência, matou-a com seis tiros, e a polícia foi encontrá-la caída em decúbito dorsal, vestida de organdi azul (Bandeira, 2001, p. 103).

O poema se apresenta em prosa, ou numa prosa poética, que lembra um pouco o “Poema tirado de uma notícia de jornal”, não no formato, mas na trivialidade do tema, também no fato de ser um acontecimento urbano.

É uma história simples, mas corriqueira. Os fatos vão se desenrolando como num *continuum*, como um romance que tratasse de uma história de amor às avessas, e culmina com a trágica morte de Maria Elvira, assassinada por Misael. O poema mostra, como os outros, a irracionalidade que toma as pessoas, às vezes, e as transforma em animais, desprovidos de qualquer entendimento. Manuel Bandeira consegue, no entanto, transmitir a mensagem de que o ser humano é inadequado para o mundo, de que a sociedade pode anular a consciência

e mudar aqueles que não estão aptos para o convívio harmonioso. A obra de arte, segundo Cândido, exerce influência sobre o meio social, e o meio, por sua vez, exerce influência sobre a arte. Bandeira mostra, nos exemplos citados, os dois polos, com a noção de que a realidade é a verdadeira matéria da arte.

4 Resultados e discussão

Ao longo do trabalho, compreendemos que o poeta Manuel Bandeira tem tratado do problema social desde antes do movimento modernista brasileiro, quando alguns autores ainda estavam tentando se encontrar nas novas temáticas. Poema como “Meninos carvoeiros”, data de 1921, antes mesmo da Semana de 1922. E que por toda sua obra estão disseminados poemas com a temática social e como os seres humanos são retratados dentro de um contexto desfavorável. Foi possível identificar, na poesia bandeiriana, uma capacidade de demonstrar o desajuste entre o social e o individual e como isso se relaciona com a arte e o seu estudo dentro da sociologia.

Apoiados na teoria de Antonio Candido, constatamos que a obra de arte se revela em dois vieses, dentro da terminologia sociológica, o de que o meio social influencia a obra e a de que a obra influencia o meio social. Como Cândido faz perguntas referentes a esses dois aspectos, com o estudo pôde ser percebido que a lírica bandeiriana assume a responsabilidade e complementa os fatores e responde afirmativamente as duas questões. Há, sim, uma correlação entre o fazer artístico e a compreensão do público, na medida em que o autor busca satisfazer uma necessidade de entendimento e assimilação do real.

Como o problema dessa pesquisa se relaciona ao fato de que Manuel Bandeira consegue (?), mesmo com uma linguagem aparentemente simples alcançar o efeito desejado com seus poemas de temática social, casos vistos em “Meninos carvoeiros”, “O bicho”, “Poema tirado de uma notícia de jornal” e “Tragédia brasileira”, compreende-se que a suposta simplicidade é uma “artimanha” do poeta, que a usa como recurso, para engajar o público no seu “feitiço” de criador de uma realidade que já existe, mas que nem sempre é mostrada de fato.

Os poemas aqui estudados, em dois grupos, para abranger os que se relacionam à ideia de que a sociedade interfere na obra e os que, ao contrário, se relacionam ao fato de que a obra interfere na sociedade, se mostraram capazes de exemplificar como cada tema tem suas representações e de que o poeta em questão soube usar os dois modelos de forma completa, como um mestre das letras e da poesia que era. Quem se debruça sobre a obra de Bandeira, pode encontrar muitas perspectivas de estudo, seja no aspecto formal quanto no conceitual, pois sua poesia é rica em nuances e não há detalhe que não tenha sido pensado, mesmo o mais ínfimo. Há significados e símbolos em tudo, desde que se saiba o que procurar.

O que estudamos nesta pesquisa foi a poesia de Manuel Bandeira relacionada ao que Cândido denomina de estudo social da arte ou algo nessa esteira, e como esse estudo deveria se dar de fato. Os vieses plurissignificativos de uma arte voltada ao meio social, que colabora e questiona a sociedade. A poesia de Manuel Bandeira preenche os requisitos e saber disso faz com que percebamos que na poesia, pelo menos na poesia dos grandes poetas, nada é acidental, todas as nuances são partes de um esquema maior, que satisfaz o gênio e o torna ilimitado no jogo das combinações linguísticas e literárias. Há uma gama de simbologias a disposição do leitor, mesmo naqueles poemas que parecem, apenas, uma nota de jornal. A discussão que

cabe aqui é, o poeta é um observador perspicaz, que transforma o banal em lírico, o comum em extraordinário e até o feio em belo. O poeta, como bem disse Vinicius de Moraes, é um mágico.

5 Considerações finais

A poesia de Manuel Bandeira é repleta de vozes, de configurações e simbologias, mas, para um leigo, que apenas deseja apreciar um poema, sem ter que procurar significados artísticos que fogem à sua compreensão, ela também tem seus matizes e se mostra com exuberância. Por isso, julgamos serem simples, tendo em vista que as palavras utilizadas, as imagens, são coisas que conhecemos, que vivenciamos, que estão em nossa volta. A ideia inicial do estudo era compreender essa possibilidade, que envolve uma suposta simplicidade e mesmo assim alcança o resultado pretendido, de fazer o leitor vivenciar os fatos e se sentir tocado pelas imagens ali representadas.

Outra ideia, era conjugar no estudo dessa poesia, o sentido de análise sociológica proposto por Antonio Candido, e como isso faria o nosso entendimento do tema alcançar os objetivos propostos. Verificamos que a poesia bandeiriana compreende os aspectos citados pelo crítico, da obra influenciando o meio social e o contrário imediato, em poemas que abordam e justificam os dois problemas. A hipótese se confirma, pois o que percebemos é que a suposta simplicidade da poesia de Bandeira é intencional, isso por meio não apenas de constatações nossas, mas devido, também, a busca por outros estudiosos do tema e da poesia do poeta recifense.

A questão que motivou a pesquisa foi respondida a contento, considerando que o arsenal poético de Bandeira gira em torno de uma imensa gama de informações e temas: a degradação social, a animalização do homem, a fome, a desigualdade, a violência, tudo é dito com palavras simples, inteligíveis para qualquer um; embora, saibamos que há uma atuação por trás, pois não tratamos de um poeta qualquer. Talvez, por isso mesmo, ele consiga aliar a linguagem (aparentemente) simples à mensagem desejada e se fazer entender, além de passar o recado pretendido.

“Um poeta menor”, como ele mesmo diz, em *Itinerário de Pasárgada*, que se mostra maior em todo um sistema que compara um e outro. Maior porque sabia enxergar e desvelar o fato que se escondia à luz e que, por isso, ninguém via. Ele viu.

Referências

ARRIGUCCI JR., Davi. *Humildade, paixão e morte: a poesia de Manuel Bandeira*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

BANDEIRA, Manuel. *Antologia poética*. 12. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da Vida Inteira*. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BANDEIRA, Manuel. *Itinerário de Pasárgada*. 7. ed. São Paulo: Global, 2012.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 53. ed. São Paulo: Cultrix, 2021.

CANDIDO, Antonio. “A literatura e a vida social”. In: CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000. p. 27-49

GRANJA, Lúcia. Manuel Bandeira e a poesia social. *Revista Argumento*. Campinas, v. 2, n. 3, p. 75-83, janeiro, 2000. Disponível em: <https://revistas.anchieta.br/index.php/revistaargumento/article/view/354>. Acesso em: 17 jul. 2023.

GULLAR, Ferreira. “Cultura popular”. In: GULLAR, Ferreira. *Cultura posta em Questão*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. p. 83-87

JESUS, Ângela Karina Santos de; ALVES, Jeanne Ferreira Braz; MACHADO, Danilo Maciel. *O Social na poesia de Manuel Bandeira*. Aracaju: Universidade Tiradentes, 2016. Disponível em: <https://openrit.grupotiradentes.com/bitstreams/6569bf58-76be-4b9a-86b8-83e7406151dd/download>. Acesso em: 15 jul. 2023.

SILVA, Bárbara Campos Pinto da. *Vozes cordiais: o Brasil visto a partir da obra de Manuel Bandeira*. 2017. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.